

Uma segunda alternativa para pensar esse momento de mudanças é discutir se, na realidade, estas transformações exigem de nós um movimento muito mais complexo do que apenas assimilar o que acontece a nossa volta, apenas absorver e armazenar. Porém, é necessário muito mais do que isso, é preciso compreender que as transformações são estruturais, profundas e que envolvem um movimento de “assimilar, equilibrar e acomodar”, como um processo ativo diante do novo, como veremos na aula 5. Nessa perspectiva, o objeto novo não será apenas assimilado ou incorporado, mas permitirá, pela sua internalização e apropriação, a produção de conhecimento, tornando-se ferramenta para compreender melhor a realidade e ampliar as estruturas do próprio pensamento.

A aceitação desse momento como uma mudança estrutural, nos leva a afirmar que ainda nos falta um conjunto de elementos ou indicadores claros do que seja realmente necessário ou essencial para a construção de uma base, sob a qual poderemos traçar um novo percurso para o processo de formação humana. Questiona-se aqui como podemos elencar elementos suficientes para compreender a reorganização do que caracteriza fundamentalmente uma sociedade: economia, política, cultura.

A partir da compreensão das transformações no modelo de sociedade, vamos verificar e problematizar, a partir de agora, os impactos causados por essas mudanças, tanto na sociedade, quanto nos processos que envolvem a formação humana.

#### ***Quarta parada: Informação e Comunicação, os gatilhos da mudança.***

Quando tratamos de um modelo de sociedade industrial, referimo-nos ao conjunto de mudanças ocorridas nos processos de produção, iniciado no século XVIII e consolidado no século XIX. Podemos destacar a criação do primeiro tear a vapor, em 1780, por Edward Cartwright; e a do processo de produção do aço em escala industrial, em 1856, por Henry Bessemer.<sup>1</sup>

Naquele momento, a relação entre homem e máquina se deu, prioritariamente, no campo da operação de aparatos, ou recursos tecnológicos para aumento da produção de bens e produtos, dos quais o próprio homem seria o consumidor final.

Os avanços no desenvolvimento de novas tecnologias redimensionaram – e continuam a fazê-lo – essa relação do homem com a máquina. A difusão e o acesso aos meios de comunicação de massa foram permitindo, aos poucos, que o homem convivesse com outros tipos de máquinas, além daquelas que ele operava nas fábricas. Em um século foram criados recursos tecnológicos em uma velocidade nunca vista. O telefone, o rádio e a televisão foram se incorporando ao cotidiano do homem, sem que ele percebesse sua presença, nem o impacto que a utilização de tais aparelhos provocava em sua vida.

A chegada das transmissões via satélite transformou a relação que estabelecemos com as informações. Desde a primeira transmissão desse tipo no ano de 1936, dos Jogos Olímpicos de Berlim, até a transmissão da primeira guerra, ao vivo, direto dos locais de confronto, na Guerra do Golfo no ano de 1990, a maneira como as informações nos atingem foi totalmente reconfigurada. A chegada das novas tecnologias digitais - ainda mais rápidas - nos permite não apenas o acesso, mas a organização, seleção e assimilação.

Todavia, a nossa condição quase sempre foi a de usuário, de consumidor dessas tecnologias. Na lógica do modelo capitalista, o sujeito não detém os meios de produção nem com o uso da tecnologia, nem produz conhecimento novo a partir dela, necessariamente, como condição. Os tempos podem ter mudado, mas o que precisamos refletir é se ainda somos mero consumidores, mas agora, não de produtos “manufacturados”, mas principalmente de informações, cujo acesso nos é “permitido” por meio da tecnologia. Hoje, somos consumidores de aparatos tecnológicos que nos fornecem informação em um

volume e em uma velocidade que não somos capazes de processar, plenamente.

A mudança do modelo de sociedade se deu de forma gradual; mas, para nós, em função da rapidez que nos obriga a absorver o impacto dessas transformações no cotidiano, parece ter ocorrido com mais velocidade e de forma **mais** “agressiva”. Antes mesmo da *Internet* atingir um grande número de espaços e residências, mesmo quando tinha um acesso relativamente restrito, já influenciava e modificava o fluxo, o trânsito das informações, transcendendo as fronteiras da relação entre espaço e tempo, no que diz respeito à comunicação. As modificações na forma de acesso e circulação da informação, causadas pela internet, trouxeram impactos decisivos sobre a maneira das pessoas se comunicarem se conectarem. A interconexão, possível a partir das novas tecnologias, principalmente a internet, permite, para Castells, como veremos a seguir, a reconfiguração do modelo de sociedade.

Para Castells<sup>2</sup>, a sociedade do informacionismo é uma forma de organização que surgiu após as duas primeiras revoluções industriais (a máquina a vapor e a eletricidade), da reconfiguração das formas de interagir, de se constituir como grupo social e de pensar, estabelecidas com o advento das novas tecnologias de informação e comunicação.

Segundo o autor, esse modelo de sociedade se caracteriza pelo estabelecimento de uma rede que se sustenta na possibilidade de múltiplas conexões que tornam possível a comunicação entre os sujeitos e instituições de diversos lugares do mundo, a partir do uso da rede mundial de computadores, a internet, e das diversas formas de comunicação com o uso de tecnologia digital. Ou seja, uma sociedade que se reorganiza em função do fluxo de informações disponíveis e que estão ao acesso de um número cada vez maior de pessoas.

Nesse cenário, a velocidade e a abrangência do fluxo de informações se tornam elementos estruturantes, fazendo com que a informação em si perca parte significativa de seu poder.

<sup>2</sup> CASTELLS, 2001.

<sup>3</sup> IDEM.

Portanto, esse modelo de sociedade demanda o estabelecimento de uma diferença entre informação e conhecimento, já que o que vai determinar a maneira de o sujeito se movimentar no mundo não é quantidade de informações que ele é capaz de assimilar, mas sim, a habilidade que desenvolve para transformar informação em conhecimento.

Tratamos o conceito de informação, neste estudo, em sintonia com a proposição de Castells, para a sociedade do informacionismo. Para Castells<sup>3</sup>, informação é um conjunto de dados, organizados e comunicados. O volume de informações disponíveis atualmente, disseminada pelos diferentes meios de comunicação e principalmente os de comunicação de massa, nos leva à reflexão da banalização da informação, ao ponto de ela deixar de ser um bem e passar a ser objeto descartável, consumível, sem questionamento ou crítica.

A esse respeito, podemos trazer a proposição de Bauman<sup>4</sup> acerca dessa fluidez das relações humanas e das maneiras como lidamos com a informação e a comunicação no contexto desse novo modelo de sociedade. O autor apresenta a expressão modernidade líquida para apresentar a fragilidade e a dificuldade para o estabelecimento de relações e de uma comunicação efetiva, em um mundo onde tudo acontece rapidamente, a necessidade de receber, filtrar e selecionar as informações é sempre imediata, o que acaba afetando de maneira significativa a forma como nos apropriamos dos significados da realidade.

Por outro lado, conhecimento, para a nossa proposição, é a apropriação de um conceito, ideia ou formulação, que foi processada, analisada e transformada a partir de uma informação recebida. Na produção de conhecimento, a informação é processada mentalmente, confrontada com outros conhecimentos já existentes, com a cultura, com a história de cada sujeito.

Acessar Informação e produzir conhecimento são conceitos e processos completamente diferentes e é indispensável que essa diferença seja discutida e fique muito clara.

Na aula 5 vamos apresentar uma das concepções sobre construção e produção de conhecimento, a partir da proposição das estruturas cognitivas e do desenvolvimento da inteligência, segundo Jean Piaget.